

Filosofia

Política,

Educação,

Direito e

Sociedade 6

Atena
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 6 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-099-5

DOI 10.22533/at.ed.995190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE - MS	
Pabliane Lemes Macena Novais Cristiane Portela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9951904021	
CAPÍTULO 2	13
A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DOCENTE EM GOIÁS	
Kênia Guimarães Furquim Camargo Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida Márcia Campos Moraes Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.9951904022	
CAPÍTULO 3	24
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NAS PESQUISAS STRICTO SENSU DO BRASIL	
Rayane de Jesus Santos Melo Milena Ross do Nascimento da Silva Mary Cidia Monteiro Sousa Costa	
DOI 10.22533/at.ed.9951904023	
CAPÍTULO 4	37
A HISTÓRIA DA DISCIPLINA DE DIDÁTICA NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “DR. CARDOSO DE ALMEIDA” – BOTUCATU-SP (1953-1975).	
Laiene Okimura Kadena Leonardo Marques Tezza Rosane Michelli de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.9951904024	
CAPÍTULO 5	49
ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Maria Letícia Cautela de Almeida Machado Paula da Silva Vidal Cid Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9951904025	
CAPÍTULO 6	64
A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO CEARÁ: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA	
Antonia de Abreu Sousa Elenilce Gomes de Oliveira Maria das Dores Viterbo Pereira Rhayane Hetley Santos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9951904026	
CAPÍTULO 7	74
A PRÁTICA DIDÁTICA E PEDAGÓGICA DIANTE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL	
Nadja Regina Sousa Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.9951904027	

CAPÍTULO 8	80
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E ENSINO RELIGIOSO: ESCOLARIZAÇÃO FEMININA NA ESCOLA NORMAL RURAL NOSSA SENHORA AUXILIADORA	
Fernanda Batista do Prado Nilce Vieira Campos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.9951904028	
CAPÍTULO 9	92
FORMAÇÃO DOCENTE: SABERES E DILEMAS	
Daniela Fernandes Rodrigues Farbênia Kátia Santos de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.9951904029	
CAPÍTULO 10	102
PROFESSORES INICIANTES E SUA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA ATUAÇÃO NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE - MS	
Pabliane Lemes Macena Novais Cristiane Portela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.99519040210	
CAPÍTULO 11	115
A CRIAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO E O DESAFIO ÀS DEMANDAS DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS NO AMAZONAS	
Maria do Carmo Ferreira de Andrade Ana Cláudia Ribeiro de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.99519040211	
CAPÍTULO 12	126
TECNOLOGIA E PEDAGOGIA NO ENSINO A DISTÂNCIA DE ENGENHARIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO	
Manuel Gradim de Oliveira Gericota André Vaz da Silva Fidalgo Paulo Alexandre Duarte Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.99519040212	
CAPÍTULO 13	135
A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO APOIO PEDAGÓGICO AOS PROFESSORES	
Ricardo Rafaell da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.99519040213	
CAPÍTULO 14	140
TECNOLOGIA NA SALA DE AULA: CONHECENDO OS ENTRAVES	
Mônica Izilda da Silva Adriana Vaz Eféisio Emanuel Marianna Centeno Martins de Gouvêa	
DOI 10.22533/at.ed.99519040214	

CAPÍTULO 15 147

TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Priscilla Aparecida Santana Bittencourt
João Pedro Albino

DOI 10.22533/at.ed.99519040215

CAPÍTULO 16 152

O USO DE VIDEOAULAS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM QUÍMICA

Cezar Nonato Bezerra Candeias
Luis Henrique Pereira de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.99519040216

CAPÍTULO 17 162

ADAPTAÇÕES NO USO DOS JOGOS DIDÁTICOS DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM TURMAS DE 1º E 2º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO MUNICIPAL DE FORTALEZA

Eliziete Nascimento de Menezes

DOI 10.22533/at.ed.99519040217

CAPÍTULO 18 169

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO DIGITAL: UMA PERCEPÇÃO DA FORMAÇÃO SOCIAL

Valéria Pinto Freire
Daniel Bramo Nascimento de Carvalho
Luciano Matos Nobre

DOI 10.22533/at.ed.99519040218

CAPÍTULO 19 191

ABORDAGEM METODOLÓGICA DE CHARGES EM LÍNGUA INGLESA EM SALA DE AULA

Ana Kécia da Silva Costa

DOI 10.22533/at.ed.99519040219

CAPÍTULO 20 197

RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTÁGIO EM PSICOPEDAGOGIA: AS DIFICULDADES DE SE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Gabriella Rossetti Ferreira
Paulo Rennes de Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.99519040220

CAPÍTULO 21 208

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O ENSINO TÉCNICO: OLHARES, QUESTIONAMENTOS E CAMINHOS

Denise de Almeida Ostler
Eduardo Calsan

DOI 10.22533/at.ed.99519040221

CAPÍTULO 22 216

INTERDISCIPLINARIDADE E INTERPROFISSIONALIDADE NO MESTRADO PROFISSIONAL: CONCEITOS, PRÁTICAS E CAPACIDADES DESENVOLVIDAS SEGUNDO OS MESTRANDOS

Adilene Gonçalves Quaresma

Ari Silva Gobira

Eva Prado

DOI 10.22533/at.ed.99519040222

CAPÍTULO 23 230

LÍNGUA OU LÍNGUAS PORTUGUESAS? A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO NOS PAÍSES LUSÓFONOS

Alexandre António Timbane

Zacarias Alberto Sozinho Quiraque

DOI 10.22533/at.ed.99519040223

CAPÍTULO 24 251

O ENSINO DE QUÍMICA NO 9º ANO DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE JOÃO PESSOA SOB A ÓTICA DISCENTE

Amílcar Célio França Pessoa

DOI 10.22533/at.ed.99519040224

CAPÍTULO 25 263

UMA VIVÊNCIA INTERDISCIPLINAR DA HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DO RAP E DA POESIA.

Andrey Soares Pinto

Mariana Aragão de Macêdo

Jéssica Laine Ramos Tavares

DOI 10.22533/at.ed.99519040225

CAPÍTULO 26 268

EDUCAÇÃO EMANCIPADORA X EVASÃO ESCOLAR: entre o utopismo dialético e a distopia atual

Sandro José Costa Rebouças

Catarina Angélica Antunes da Silva

Bruno Chagas Carneiro

Gilson de Sousa Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.99519040226

CAPÍTULO 27 276

AÇÃO EDUCATIVA E REFORMADORA EM PORTUGAL: A PEDAGOGIA DE DOM FREI MANUEL DO CENÁCULO

Cássia Regina Dias Pereira

DOI 10.22533/at.ed.99519040227

CAPÍTULO 28 290

APRENDIZAGEM: COMO EDUCADORA E EDUCADOR SOCIAL, O QUE É FUNDAMENTAL SABER SOBRE O TEMA?

Juliana dos Santos Rocha

Marlise Silva Lemos

Tamires Pinto Alves

DOI 10.22533/at.ed.99519040228

CAPÍTULO 29 302

ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA UTILIZADOS EM CATALÃO, GOIÁS

Suelen Oliveira
Ana Flávia Vigário

DOI 10.22533/at.ed.99519040229

CAPÍTULO 30 314

REFLEXÕES SOBRE ÉTICA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DO ENSINO BÁSICO CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA “PARA/COM” CRIANÇAS

Natalia Barboza Netto

DOI 10.22533/at.ed.99519040230

CAPÍTULO 31 325

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE AS POLITICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: 2013 - 2016

Maria Judivanda da Cunha
Bernardino Galdino de Senna
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares
Fábio Alexandre Araujo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.99519040231

CAPÍTULO 32 333

GÊNERO TEXTUAL ORAL DA ESFERA RELIGIOSA: ESTUDO DA PREGAÇÃO

Angélica Prestes Rosas
Letícia Jovelina Storto
Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.99519040232

CAPÍTULO 33 342

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS NO PROJETO ESCOLA LABORATÓRIO: DIALÓGOS E APROPRIAÇÕES MEDIADOS PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Mayara Broxado Dias
Marise Marçalina de Castro Silva Rosa
Ilana Fernandes da Silva
Natalia Ribeiro Ferreira
Cláudia Andréia dos Santos Cardoso
Vandercléia de Jesus Sousa Martins
Dinair da Silva Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.99519040233

CAPÍTULO 34 349

EDUCAÇÃO CONTINUADA COMO ESTRATÉGIA PARA O APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE

Herika Paiva Pontes
Luana de Sousa Oliveira
Rafaela Lima Nascimento
Maria Helena de Agrela Gonçalves Jardim
Geraldo Bezerra da Silva Júnior
Mirna Albuquerque Frota

DOI 10.22533/at.ed.99519040234

CAPÍTULO 35 357

ENSINO APRENDIZAGEM DE FUNÇÃO ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS

[Jefferson Dagmar Pessoa Brandão](#)

DOI 10.22533/at.ed.99519040235

CAPÍTULO 36 367

UM ESTUDO SOBRE O MATERIAL APOSTILADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: NA VISÃO DOS ALUNOS

[Sônia Aparecida Siquelli](#)

[Carlos Eduardo Negrão](#)

DOI 10.22533/at.ed.99519040236

CAPÍTULO 37 376

“EU TROPEÇO, MAS NÃO DESISTO”: CONDIÇÕES MATERIAIS E IMATERIAIS QUE JUSTIFICAM A PERMANÊNCIA DE PROFESSORES DE REDES PÚBLICAS E PRIVADAS NA PROFISSÃO

[Rodnei Pereira](#)

[Luciana Andréa Afonso Sigalla](#)

[Lisandra Marisa Príncipe](#)

DOI 10.22533/at.ed.99519040237

SOBRE A ORGANIZADORA..... 388

UM ESTUDO SOBRE O MATERIAL APOSTILADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: NA VISÃO DOS ALUNOS

Sônia Aparecida Siquelli

Mestrado em Educação e Mestrado em Bioética-
Universidade do Vale do Sapucaí-UNIVÁS

Carlos Eduardo Negrão

Bolsista de Iniciação Científica Júnior- FAPEMIG/
UNIVÁS.

RESUMO: O presente trabalho, fruto de pesquisa pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior da Fundação de Pesquisa de Minas Gerais-Fapemig, teve como objetivo analisar o significado do uso de material apostilado no Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal de Pouso Alegre/MG. A adoção de apostilas no Ensino Fundamental gera polêmica, pois para muitos pesquisadores é um meio de massificação, e um negócio rentável para grandes empresas. O uso do material apostilado no Brasil, data dos anos 2000, e veio com a proposta de melhorar a educação, diante do pressuposto que todos os países desenvolvidos utilizam desse material no sistema educacional. A metodologia empregada foi de natureza qualitativa, através de 13 entrevistas realizadas a uma amostra de alunos do 6º ao 9º ano de uma escola municipal deste município. A análise permitiu compreender entre outras, que o material apostilado não representa uma reforma na maneira de ensinar, porém sinaliza para uma prática alienada do

professor e do aluno que se mostram fora do processo de escolha política de adotar ou não tal material.

PALAVRAS-CHAVE: Material Apostilado, Ensino Fundamental, Visão dos Alunos.

ABSTRACT: The present work, as a result of research by the Junior Scientific Initiation Scholarship Program of the Research Foundation of Minas Gerais-Fapemig, aimed to analyze the meaning of the use of apostilled material in Elementary School II of a municipal public school in Pouso Alegre / MG . The adoption of handouts in Elementary Education generates controversy, since for many researchers it is a means of massification, and a profitable business for large companies. The use of the apostilled material in Brazil, dates from the 2000s, and came with the proposal to improve education, given the assumption that all developed countries use this material in the educational system. The methodology used was qualitative, through 13 interviews carried out with a sample of students from the 6th to 9th grade of a municipal school in this municipality. The analysis allowed us to understand, among others, that the apostilled material does not represent a reform in the way of teaching, but signals to an alienated practice of the teacher and the student that show themselves outside the process of political choice of adopting or not

such material.

KEYWORDS: Teaching Material, Elementary Education, Students' View.

INTRODUÇÃO

Conhecer o significado do uso do material apostilado para os alunos do ensino fundamental II de uma das escolas da rede municipal de Pouso Alegre/MG foi o objetivo deste trabalho de pesquisa realizado entre os meses de março a dezembro de 2015. Segundo a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 traz a educação pública como direito de cidadania a todo cidadão brasileiro em idade escolar e mesmo fora dela. Portanto, promover o acesso (nº de vagas), a permanência (transporte, merenda, material didático, uniforme, entre outras) e qualidade no ensino e aprendizagem são direito de cidadania e dever do Estado. Com isso, o Estado tem tomado atitudes para cumprir com suas responsabilidades com o cidadão. A partir da década de 90 o sistema de ensino público no Brasil em diversos municípios optou em adotar material didático apostilado, com a justificativa de melhorar a qualidade de aprendizagem das crianças, organizar o trabalho docente, uma vez que no Brasil a qualidade do ensino e aprendizagem vem sendo julgado pela família, mídia e até pelo governo como insatisfatória.

Quem produz esses materiais didáticos apostilados são grandes “empresas” do ensino conhecida em todo Brasil e que geralmente também organizam as apostilas para os colégios privados. Pesquisas mostram que a apostila usada no sistema público e no sistema de ensino privado é outra. Diferem nos conteúdos, na organização e na forma de serem implantadas. Ou seja, um sistema público que adota um material apostilado produzido por empresas privadas vem contribuir com o consumo no espaço público de um material que não condiz com a realidade da escola pública local.

Usar material apostilado no Ensino Fundamental é dispensável, pois esse nível de educação responsabiliza-se pelo educar, e, nessas condições o professorado necessita mais que apostilas, necessitam de formação continuada, materiais didáticos onde eles possam construir suas próprias atividades, pois privilegiar o ensino e as intervenções pedagógicas dispensa completamente material didático apostilado, não tem sentido isso.

O ensino fundamental corresponde do 1º ao 9º ano, é obrigatório e dever do Estado e da família. Esses níveis de ensino são à base da educação nacional, e se o Estado investe tanto dinheiro na aquisição deste material, deve também investir na formação continuada dos professores, nos salários que permitam o professor concentrar seu trabalho em um período diário com condições de investir em seus estudos no outro período. Material didático apostilado muitas vezes amarram o professor nos conteúdos e isso não significa que a aprendizagem se efetiva. A quem estamos educando? Para quê? A quem atende o uso desse material? A aprendizagem? Ao ensino? Devem ser refletidas por toda equipe pedagógica ao adotar material didático apostilado. Esses

questionamentos devem ser discutidos antes de fazer uma opção por tais materiais, pois é um investimento econômico que nem sempre significa um investimento em qualidade de ensino e, sobretudo de aprendizagem das crianças e adolescentes desta faixa etária.

Deixar de usar apostilas e passar para o uso de outro material produzido e adotado pelo governo do Estado, que possui uma metodologia embasada no construtivismo, onde a criança numa postura individualizada constrói seus conhecimentos, é uma transformação de concepções de ensinar e aprender. Toda criança aprende, isso já foi comprovado. Mas, se as inferências didáticas não forem significativas o oposto também é verdadeiro, ou seja, as crianças retardam seu aprender. Com certeza interromper uma forma de trabalho e optar por outra traz prejuízos, porque nós humanos em situações de aprendizagem necessitamos de referências, o professor, as atividades e o material didático se constituem nessa referência.

A criança, o adolescente e o jovem tem a necessidade de referência de formação. O uso do material didático apostilado tem um objetivo específico, garantir a aprendizagem e memorização de conteúdos nomeados pelo Estado ou por estas empresas que encontraram na educação uma forma de enriquecimento. Mas, nada disso valerá se não houver um investimento na formação continuada do professor da rede. Com certeza a troca de metodologia prejudica a aprendizagem porque professores e alunos necessitam de um tempo de adequação. E, a condição humana não nos permite mudar de concepção de ensino e aprendizagem assim nesse tempo do capitalismo, rápido e produtivo. Concepções são constituídas de dentro para fora no educador, e não é a mudança de material que irá garantir maior aprendizagem. O que garante isso é um investimento sistemático na formação continuada do professor, nas suas condições de trabalho e por ultimo nos investimentos das unidades escolares.

Em tempos onde o Brasil se constitui uma das economias fortes mundiais, investir em educação é primordial. Sair do cenário de aparência de mudança para as transformações de fato. Material didático, tecnologias, estruturas físicas nenhuma garantem a aprendizagem da criança se o corpo pedagógico, os gestores da educação pública não elencarem qual é o papel da escola na formação do cidadão. Refletir sobre isso é desencadear posturas e ações que estão para além de materiais didáticos que em muitos casos são ações paliativas frente o grande problema da não aprendizagem apontada pelos dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica- IDEB pelo MEC no Brasil.

MATERIAL E MÉTODO

A metodologia empregada de natureza qualitativa, primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema e, também entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos do ensino fundamental II. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa toma o espaço natural como principal meio para a coleta de

dados, e cabe ao pesquisador sistematizar e analisar esses fenômenos já existentes, conferindo-lhes relevância e significado social. Foram entrevistados 13 alunos do ensino fundamental II, todos da Escola Municipal Dom Otávio, nenhum dos participantes sofreram reprovações, são alunos em idade escolar referente ao ano matriculado.

Os participantes da pesquisa foram classificados pelo entrevistador como: A1, A2... para alunos do 6º ano (11 e 12 anos); B1, B2... para alunos do 7º ano (12 e 13 anos); C1, C2. para alunos do 8º ano (13 e 14 anos) e D1, D2...:para alunos do 9º ano (14 e 15 anos). As transcrições no interior das tabelas obedeceram a forma como os entrevistados falaram, sem correções.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Questão 01: *Então meu amigo eu gostaria de saber o que você acha da apostila e tal, como ela é?*

Entrevistado	Resposta
A1	Ah eu acho a apostila boa, ela é bem... explicada tem bastante conteúdo, bom é isso. ((ruído))
A2	A apostila tem coisa que ela não ensina muito bem, alguns conteúdos tipo assim ciência: se eu for pegar pra estudar uma prova eu não consigo todinha nela. Então tem vezes que é melhor não ter do que ter.
A3	Ah eu acho que a apostila é boa pra estudar assim quando tem prova a maioria das matérias que o professor da é na apostila e revisão assim pra prova é na apostila então acho que a apostila é boa pros estudos.

Tabela A: A apostila na visão dos alunos - 6º ano

Nos apontamentos de A1 e A2 contradizem quanto à opinião de ser um bom material ou não, mas um aponta que tem muito conteúdo e outro afirma que estudar para prova fica complicado devido ao mesmo conteúdo.

Entrevistado	Resposta
B1	Eu acho que ela não é... Totalmente completa porque muitas coisas, matemática, português ou outras matérias esta incompleto ou errado. ((ruído))
B2	Em ciências ta geralmente incompleta porque tem que usar sempre o livro, em matemática as respostas da apostila do professor ta errada, a sequência "A, B, C" geralmente ta errada também. A parte de artes a gente nem usa porque não tem aula de artes e é isso.
B3	Ela é chata e não tem todo... conteúdo que agente precisa saber.
B4	Primeiro eu acho que ela é um pouco chata mas assim ela é interativa, da pra entender algumas coisas da pra entender algumas coisas mas falta um tanto é mais ou menos assim.

Tabela B: A apostila na visão dos alunos - 7º ano

Já para os participantes B1 e B2 apontam a apostila ser incompleta quanto aos conteúdos, o que sugere a comparação realizada em relação ao conteúdo do livro.

Entrevistado	Resposta
C1	Eu acho muito legal essa iniciativa que a prefeitura tomou, porque ajuda bastante os alunos para eles não terem que carregar o livro e tal.
C2	Ela é ruim.

Tabela C: A apostila na visão dos alunos - 8º ano

Entrevistado	Resposta
D1	Cara sério, se você comparar a apostila com a do objetivo por exemplo, tipo lá tem três vezes mais conteúdo que a nossa e mesmo assim só tem o básico.
D2	Então, eu gosto da apostila até pelo fato de ser, ter um conteúdo bem resumido
D3	Bom, eu acho que é uma merda porque é muito desorganizada.

Tabela D: A apostila na visão dos alunos - 9º ano

O importante nesta questão foi à reflexão feita sobre o conteúdo e também expressões do tipo “chata” e “legal” foi desconsiderado pela análise devido seu caráter genérico.

Questão 02: *Você consegue estudar todo conteúdo das provas apenas com a apostila?*

Entrevistado	Resposta
A1	Eu não consigo fazer só as provas utilizando a apostila eu preciso também da matéria do caderno que os professores passam... às vezes eu consigo assim só na apostila, as vezes eu preciso do caderno.
A2	Então, tem que ter o caderno o livro ((ruído)) nem os professores passam só a apostila pra estudar porque não tem tudo na matéria.
A3	Consigo.

Tabela A: A apostila na visão dos alunos - 6º ano

Nessa questão A1, A2 e A3 apontam a importância do uso do conteúdo do caderno, ou seja, os conteúdos apontados pelo professor e explicados pelo mesmo são de extrema importância para os alunos.

Entrevistado	Resposta
B1	Sim eu consigo estudar geralmente todas as coisas pela apostila, porque os professores costumam fazer resumos para as provas tirando conteúdo da apostila.
B2	Não.
B3	Não, impossível.
B4	Não, não porque a maior parte das coisas que a professora explica ta no livro então não da pra ver tudo com a apostila.

Tabela B: A apostila na visão dos alunos - 7º ano

Entrevistado	Resposta
C1	Consigo, geralmente eu nem estudo mas eu consigo. Tem todo o... conteúdo que é necessário para a prova e geralmente os professores se inspiram na apostila.
C2	Não, preciso estudar pelo caderno também.

Tabela C: A apostila na visão dos alunos - 8º ano

Entrevistado	Resposta
D1	Não.
D2	Sim.
D3	Não, eu necessito bastante mais do livro do que da apostila.

Tabela D: A apostila na visão dos alunos - 9º ano

Já para os entrevistados do 7º, 8º e 9º anos às expressões são contundentes quanto em sua maioria da apostila não os ajudar no estudo de conteúdos para avaliação (B2, B3, B4, C2, D1, D2). A minoria afirma que sim, sem maiores detalhes.

Questão 03: *O que você menos gosta no conteúdo da apostila? Por quê?*

Entrevistado	Resposta
A1	Matemática.
A2	É o que menos gosto é tipo a Véra ela não passa nada, então agente fica carregando peso na mochila em vez de estudar a matéria dela, ela nunca passou, nenhum dos bimestres ela nunca passou a apostila da matéria dela, então agente não sabe nada do que tem na apostila.
A3	Tem alguns erros.

Tabela A: A apostila na visão dos alunos - 6º ano

Entrevistado	Resposta
B1	O que eu menos gosto são os erros que tem em varias matérias porque às vezes a gente perde muito tempo de aula por coisas que são idiotas.
B2	((ruído)) Geografia, porque é incompleto, porque não tem atividades legais e porque não tem...
B3	Matéria chata.
B4	Os exercícios.

Tabela B: A apostila na visão dos alunos - 7º ano

Entrevistado	Resposta
C1	Tem menos espaço para anotações.
C2	Ela não é completa então fica difícil.

Tabela C: A apostila na visão dos alunos - 8º ano

Entrevistado	Resposta
D1	O material de artes porque todo ano passa e ninguém usa essa porra.
D2	O que eu menos gosto no conteúdo da apostila é a matéria de artes porque... Não tem artes como disciplina na escola!
D3	De artes porque a gente não usa para nada aquilo tem na apostila só pra ocupar espaço.

Tabela D: A apostila na visão dos alunos - 9º ano

Nessa questão apontam a incompletude da apostila quanto aos conteúdos. Percebeu-se a dificuldade em identificar a disciplina que a apostila é bem contemplada.

Questão 04: *Você tem alguma dificuldade para estudar a apostila em casa? Explique essa dificuldade.*

Entrevistado	Resposta
A1	Tem algumas coisa que eu não entendo ai eu não faço ai eu deixo para professor explicar de novo ai eu entendo.
A2	Ah não((ruído)) e na maioria das vezes também o que é pra estudar agente marca, grifa...
A3	Eu acho que não tem nada não, de difícil.

Tabela A: A apostila na visão dos alunos - 6º ano

Entrevistado	Resposta
B1	As vezes eu tenho algumas dificuldades por causa... de palavras difíceis que eu não sei, porque eu sou ruim em português então é difícil mas fora isso não tem nada.
B2	Não.
B3	Sim porque ta faltando coisa nela, conteúdo.
B4	Não, não tenho nenhuma dificuldade mas ela é legal sim, não tenho dificuldade não.

Tabela B: A apostila na visão dos alunos - 7º ano

Entrevistado	Resposta
C1	Nenhuma.
C2	Não pois presto atenção na aula e tiro minhas dúvidas com o professor.

Tabela C: A apostila na visão dos alunos - 8º ano

Entrevistado	Resposta
D1	Não pois presto atenção na aula e tiro minhas dúvidas com o professor.
D2	Não.
D3	Bom é que eles erram muito o palavreado que eles escrevem nas atividades.

Tabela D: A apostila na visão dos alunos - 9º ano

Apontam as dificuldades como o conteúdo incompleto e a linguagem que oferece dificuldade em compreensão. Mas, o que mais chama atenção é a importância dada ao professor no trabalho com os conteúdos além da apostila.

Questão 05: *Se você tivesse que escolher entre a apostila e o livro qual escolheria e por quê?*

Entrevistado	Resposta
A1	Eu escolheria o livro, porque é mais fácil de fazer as coisas e melhor, entendeu?
A2	Eu escolheria o livro, porque eu acho que o livro acaba explicando mais, não tem exercício... Tem poucos exercícios mas acaba explicando mais do que a apostila as vezes.
A3	Ah eu escolheria a apostila porque eu acho que é mais fácil porque tem as atividades pra fazer também que é mais fácil fazer lá na apostila mesmo.

Tabela A: A apostila na visão dos alunos - 6º ano

Entrevistado	Resposta
B1	A apostila porque ela tem um conteúdo mais detalhado e é mais fácil de entender, porque o livro tem expli... explicações mais complexa.
B2	O livro porque ele tem mais conteúdo e é melhor para estudar para as provas.
B3	O livro, ele é mais complexo ué.
B4	O livro porque ele é mais completo ele mostra mais o que agente precisa saber.

Tabela B: A apostila na visão dos alunos - 7º ano

Entrevistado	Resposta
C1	Escolheria óbvio a apostila porque o livro é um de cada matéria e a apostila é um generalizado para todas as matérias.
C2	O livro pois tem mais explicação e as atividades mais completas, podendo somente usá-lo sem auxílio do caderno.

Tabela C: A apostila na visão dos alunos - 8º ano

Entrevistado	Resposta
D1	O livro porque a explicação da apostila falta conteúdo!
D2	Escolheria a apostila porque já tem todos as disciplinas na apostila em resumido e o livro é muito pesado. Tem duzentas páginas cada livro para cada disciplina ou seja isso ia dificultar muito a vida do aluno.
D3	O livro porque eu acho que ele é bem mais organizado do que a apostila.

Tabela D: A apostila na visão dos alunos - 9º ano

Do total de alunos entrevistados (12), (8) escolheram o uso de livro e apenas (4) o uso da apostila, enquanto material didático a ser adotado. O que demonstra ser de suma importância e ser considerada, que os próprios alunos apontem a eficiência de tal material, para escolha política e econômica da rede em adotá-lo ou não.

CONCLUSÕES

Nem todos os entrevistados possuíam opinião formada quanto ao uso da apostila. Os participantes ficaram tranquilos durante a entrevista, sentiram-se aliviados em poder expressar suas opiniões e ter um ouvinte. Muitos apresentaram-se indignados quanto ao uso da apostila. Ex: Conteúdo de Artes presente na apostila, não tem professor que trabalha esta disciplina, principalmente os alunos do 9º ano.

Outros entrevistados reclamaram do peso de material escolar que carregam (livros e apostila...), uma vez que na escola não há armários para este fim. O armário presente em cada sala de aula é destinado ao uso dos alunos do período vespertino, do 1º ao 5º ano. O material apostilado pode contribuir sim, mas no resultado destas entrevistas observamos que as anotações do caderno e a explicação do professor é que resultam um amparo na aprendizagem destes alunos.

Mas, ainda restam questões, será que os alunos concordam com a metodologia empregada dos professores ao ensinar e o uso dessas apostilas, até que ponto refletem sobre isso? Se faz mesmo necessário este tipo de material nessa fase

escolar? Ou, a quem atende este material, porque é sabido que o custo do mesmo para rede municipal de educação é muito alto, visto o site de transparência. Há por parte da SME um sistema de avaliação que avalie do uso dos mesmos e sua eficiência na aprendizagem dos alunos? E, os professores o que têm a dizer? Entendemos que o objetivo da pesquisa foi atingido, mas que fica em aberto tais questões, uma vez que o tema é abrangente e exige-se mais dados, dos professores, dos gestores, e da própria literatura da área, para fundamentar a argumentação aqui construída que o uso apostilado de materiais na aprendizagem do aluno do Ensino Fundamental II atende mais uma questão de política pública, com seus interesses políticos, do que a prática pedagógica deste nível de ensino.

REFERÊNCIA

BRASIL, **Câmara dos Deputados**. Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, atualizada 2014.

_____. **Câmara dos Deputados**. Constituição da República Federativa do Brasil/1988.

FREITAS, Luís Carlos de. Os Reformadores Empresariais de educação: da desmoralização do magistério à destruição do Sistema Público de Educação. Campinas: **Educação e Sociedade**, vol.33, n.119.abril/junho de 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Autores Associados: Campinas, 2006.

*Este capítulo foi publicado em formato de Relatório de Pesquisa no endereço: (<http://www.univas.edu.br/docs/2018/pesquisa/iniciacaoCientifica/publicacoes/ebook13.pdf>)

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-099-5

